

Ipea acha que recessão está só começando

OTÁVIO VERÍSSIMO

O processo recessivo está apenas começando. A estimativa de técnicos do Ipea é de que, mantida a atual política de controle da moeda, combinada com elevadas taxas de juros, a atividade econômica permanecerá mais ou menos estável neste final de ano, mas declinará acentuadamente a partir de janeiro. Dessa forma, a inflação começaria a cair a partir de meados de novembro, mas só cairia efetivamente depois de uma recessão mais profunda haver se instalado no País.

Segundo o diretor de Política Monetária do Banco Central, Luís Eduardo de Assis, apesar do crescente número de empresas que estão entrando em concordata, o aperto monetário prosseguirá pois o objetivo é desestimular a formação de estoques especulativos por parte das empresas e as compras financiadas de uma maneira geral. "Não é objetivo da política monetária quebrar empresas, mas o processo de aperto não é indolor", comenta.

CRÍTICAS

Essa postura do Governo, entretanto, tem sido alvo de críticas não só por parte de empresários, mas também de sindicatos e parlamentares. O deputado Delfim Netto (PDS-SP), ex-ministro da Fazenda e Planejamento, sustenta que comportamentos como esses não podem produzir a queda da inflação a não ser temporariamente e com custos sociais absurdos, "que no final serão recusados primeiro pela sociedade e depois pelo Governo".

Em artigo publicado no jornal O Estado de S.Paulo, Delfim Netto qualifica a obstinação do Banco Central em controlar a base monetária a qualquer custo de "política do garrote vil" e diz não crer que ela possa ser justificada ou até mesmo praticada por um longo prazo, "tendo em vista a necessidade de compatibilizá-la

com a lamentável manipulação até agora praticada".

Destacando o embasamento teórico do plano de estabilização, Delfim conclui, a exemplo dos técnicos do Ipea, que só depois da redução do PIB físico — recessão — é que os ajustes de preços (entre outras coisas, por efeito da moderação dos aumentos salariais produzidos pelo desemprego) começam a ser menores. O ponto divergente é justamente quanto à existência ou não de recessão. Enquanto os técnicos do Ipea prevêem que o PIB deste ano deverá sofrer uma queda entre 3,5 por cento a quatro por cento, Delfim pergunta onde está a recessão?

DESORGANIZAÇÃO

"O que tivemos até agora foi uma inútil desorganização do sistema produtivo, consequência do insensato sequestro da liquidez", afirma Delfim. "Tanto é verdade que, em setembro, o nível de produção (dessazonalizado) voltou praticamente ao que era em março, e o nível de emprego voltou a subir. Isto mostra como é tola a idéia de que os preços não caem apenas porque existe um espírito indexador ou porque a economia é dominada pelos oligopólios. Já não existiam oligopólios em 1970, 1971, 1972 e 1973? E a indexação? Como foi que a inflação caiu para 15 por cento anuais naquele período?"

Longe desse debate, o novo secretário-executivo do Ministério da Economia, João Maia, acaba corroborando o ponto de vista do deputado paulista ao ser questionado sobre o que ocorrerá primeiro: recessão ou queda da inflação. João Maia primeiro lembra que em abril as pessoas diziam que o País estava numa recessão profunda, mas que a partir de maio o nível de emprego cresceu seguidamente e que os últimos índices, seja do Dieese ou do IBGE, ainda acusam crescimento do nível de emprego.

